

# GERENCIAMENTO DOCUMENTAL INTEGRADO À GESTÃO DE CONSERVAÇÃO: PROTOCOLOS PARA O ACERVO ARTÍSTICO DA UFMG<sup>1</sup>

Ana Panisset<sup>2</sup>

**Resumo:** Esta comunicação objetiva enfatizar a importância dos processos de documentação para uma gestão integrada de coleções, a partir do princípio de que o gerenciamento documental é uma das ferramentas indispensáveis para sua preservação. Aborda os protocolos desenvolvidos para políticas de documentação e gestão do Acervo Artístico da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), enfatizando a especificidade dos acervos universitários. Constituído ao longo da trajetória da Universidade Federal de Minas Gerais, esta coleção possui hoje aproximadamente 1700 objetos. A fim de problematizar a inserção e a formação de acervos nas universidades, o texto discute aspectos que envolvem a história e o desdobramento de ações que perspectivam o reconhecimento, a gestão, a salvaguarda e a necessidade de articulação nos âmbitos locais, nacionais e internacionais. Tais acervos, embora acumulados no âmbito da universidade, têm origem distinta, o que demanda uma percepção diferenciada de seus registros. Diante de tais desafios, é fundamental estabelecer subsídios para a discussão da necessidade da documentação para conhecimento e visibilidade dos acervos universitários. O reconhecimento das bases teóricas, dos princípios conceituais das ferramentas operacionais e dos protocolos estruturantes de gestão é fundamental para o estabelecimento de políticas de gestão de acervos no âmbito universitário, perspectivando sua integração às ações universitárias de ensino, pesquisa e extensão.

**Palavras-chave:** Documentação em museus; Gestão de acervos; Protocolos de documentação; Preservação de acervos universitários.

## 1. INTRODUÇÃO

Este artigo tem o propósito de apresentar subsídios para as discussões sobre a necessidade de criarmos protocolos para políticas de salvaguarda de acervos universitários, tendo como objeto de estudo o Acervo Artístico da Universidade Federal de Minas Gerais (AAUFMG), reafirmando e enfatizando a importância dos processos de documentação, e sua gestão integrada, como ferramentas indispensáveis para medidas de preservação. Deriva-se da pesquisa de doutorado (PANISSET, 2017) que objetivou a criação de um modelo para a implantação do sistema de informação do AAUFMG e que subsidia a implementação de um

---

<sup>1</sup> Este artigo é produto da tese de doutorado *A documentação como ferramenta de preservação: protocolos para documentação e gestão do Acervo Artístico da UFMG*, desenvolvida sob orientação da Profa. Dra. Yacy-Ara Froner pelo Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGArtes/UFMG, 2013-2017). Apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

<sup>2</sup> Universidade Federal de Minas Gerais.

sistema de gestão em rede do patrimônio universitário, aplicado posteriormente aos outros acervos, museus e espaços de ciências e cultura da UFMG.

Diante dos desafios do relacionamento entre teoria e prática nas questões relativas à documentação em museus, propomos a aproximação entre as áreas da Conservação, Museologia, Ciência da Informação e Documentação, a partir de um diálogo que se julga imprescindível para o aprofundamento teórico-metodológico da documentação em museus.

O Acervo Artístico da UFMG acervo é resultado de um colecionamento assistemático, caracterizado, muitas vezes, pela acepção comum da universidade enquanto local exemplar para a produção de conhecimento por meio da pesquisa e da salvaguarda dos acervos a ela destinados. Assim, cabe pontuar que a constituição do acervo ocorreu sem um projeto ou um programa específico, tampouco sem uma intencionalidade precisa ou um recorte conceitual histórico ou artístico, o que se refletiu em todos os problemas relacionados à sua destinação, alocação, gestão e, até mesmo, organização documental.

Por não se integrarem à trajetória das pesquisas e do ensino e, muitas vezes, estarem dispersos pelo campus, os acervos de arte geralmente passam despercebidos pela comunidade universitária. Dessa forma, objetivamos sublinhar a necessidade de conhecimento e visibilidade destes acervos trazendo à tona a importância de estabelecimento de políticas de gestão e de um compromisso efetivo dos órgãos administrativos e acadêmicos na preservação deste importante patrimônio.

Partimos da proposição, articulada em uma linha de investigação já consolidada, que a documentação é uma ferramenta primordial e antecedente aos processos de preservação, integradas ao campo da Conservação Preventiva. Nessa perspectiva, a documentação pode produzir ressignificações de acervo no âmbito universitário, transformando sua existência, aparentemente invisível, em um sistema acessível, colaborativo e compartilhado.

A elaboração do diagnóstico e das propostas de protocolos de documentação e gestão de acervos – protocolos de estrutura de dados, conteúdo, valor e procedimentos, aplicados ao Acervo Artístico da UFMG seguiram as normativas internacionais nomeadamente do Comitê Internacional para a Documentação do ICOM (CIDOC); da *Collections Trust* (CT); do *Getty Research Institute* (GRI); e da *Canadian Heritage Information Network* (CHIN). Desta forma, propusemo-nos a perceber qual o ponto de situação, em nível internacional e nacional, nesta matéria, para que pudéssemos, por meio da análise da normatização internacional

existente, propor normas de estrutura de dados e procedimentos a serem utilizadas no registro, documentação e gestão do AAUFMG.

Acreditamos que a situação atual do Acervo Artístico da UFMG pode ser modificada ao serem integradas às práticas e ações de ensino, pesquisa e extensão, às políticas culturais na UFMG, além da definição clara da sua missão. Desse modo, elaboramos protocolos para viabilizar o levantamento, a análise, a organização catalográfica, a informatização e a difusão do acervo artístico gerenciada por órgãos administrativos da UFMG, a fim de que a Universidade veja a necessidade de se criar normas que protejam esse patrimônio.

## **2 DOCUMENTAÇÃO COMO FERRAMENTA DE PRESERVAÇÃO**

Como pudemos verificar em nossa pesquisa, diversos problemas gerados para a preservação e conservação do Acervo Artístico da UFMG são provenientes da falta de reconhecimento da sua existência – sua não institucionalização e/ou extroversão, o que se deve principalmente pela falta de registro inicial, de protocolos de documentação e de gestão deste acervo.

Froner (2001, p. 263) destaca que "os objetos adquirem valor pelas mãos do conhecimento [...]. O objeto existe enquanto um elemento a ser preservado quando lhe é imputado um valor histórico, artístico e cultural". As atividades museológicas – coletar, colecionar, documentar, expor, estudar etc., reproduzem as noções de valor e de significado desses bens.

Segundo Alves (2012), o estudo das informações sobre os objetos, coletadas por meio de um processo de inventário/catalogação, permite a interpretação destes como uma testemunha da história. As atividades de registro e documentação dos bens culturais supõem, portanto, seu reconhecimento como patrimônio, que exige tutela e proteção. Esse reconhecimento do valor e importância de um bem cultural é muitas vezes o primeiro passo para a sua conservação.

De acordo com Mensch (1983, p. 21), objeto museológico é "qualquer elemento pertencente ao âmbito da natureza e da cultura material que seja considerado merecedor de preservação"<sup>3</sup>. O ato de selecionar e atribuir valor, por si, já acrescenta um novo valor ao objeto – o de ter sido escolhido – e este valor aumenta com o passar do tempo. As medidas

---

<sup>3</sup> "Any element belonging to the realm of nature and material culture that is considered worth to be preserved" (MENSCH 1983, p. 21).

de salvaguarda farão com que os objetos escolhidos “sobrevivam” e aqueles objetos desprezados pelos critérios de seleção sejam abandonados ao esquecimento ou condenados ao desaparecimento (MENSCH, 1983).

Ainda assim, de acordo com Alves (2012), um objeto não precisa ser transferido a uma instituição museológica para ganhar o status de patrimônio, “basta que ele seja tratado com princípios museológicos a fim de tornar possível sua interpretação e valorização como parte de nossa identidade”, ou seja, basta que seja musealizado (ALVES, 2012, p. 24). Sendo assim, os objetos que estão em seu uso cotidiano como, por exemplo, algumas obras do AAUFMG – cumprem o papel de decoração de algumas unidades do campus –, a partir do momento em que recebem tratamento documental e museológico são legitimados como patrimônio artístico cultural e, conseqüentemente, estão vinculados à ideia de salvaguarda da identidade cultural.

Todo objeto pode ser interpretado e passar a ser considerado patrimônio. A busca dos valores intrínsecos dos bens patrimoniais e a pesquisa sobre sua relação com o meio [valores extrínsecos] são maneiras de atribuir outros valores ao bem patrimonial público e, conseqüentemente, levam a uma política de preservação (IBIDEM).

A investigação, registro e documentação das obras que estão sob tutela da universidade, constituintes do AAUFMG, abarcam essa proposta de busca de valores, disponibilização de informações e geração de conhecimento, para que estes objetos, sendo então considerados patrimônio artístico e cultural, como bens musealizados, sejam protegidos por políticas de preservação. Negligenciar a documentação “é, sobretudo, negar à esfera pública a pluralidade de significados e sentidos presentes nos acervos” (LOUREIRO, 2008, p. 25).

É importante termos em vista, principalmente no campo da gestão pública, que: “as decisões concernentes à dotação de recursos e à conservação das propriedades culturais implicam em considerações políticas. Um maior apoio político para a conservação e a preservação de bens culturais dependerá de uma maior consciência pública de sua necessidade” (FRONER, 2001, p. 46). “O núcleo documental da peça é formado pelo seu registro. Sua importância e independência são evidentes. [...] É no registro onde a memória e o contexto do objeto são preservados<sup>4</sup>” (CABALLERO ZOREDA, 1983, p. 4, tradução nossa).

---

<sup>4</sup> “El núcleo documental de la pieza lo forma el expediente. Su importancia y su independencia es evidente. Si la pieza se pierde por cualquier razón, o si la pieza ha perdido su referencia museológica no se habrá perdido del

Lembramos ainda que um sistema de documentação museológica eficiente gera, dissemina e preserva as informações de que são portadoras suas coleções.

Dada a complexidade do conjunto de objetos criados pelo homem, é necessário o desenvolvimento de sistemas de documentação igualmente complexos no âmbito dos museus, de modo a otimizar o acesso não só aos objetos, mas também às informações (intrínsecas e extrínsecas) (LOUREIRO, M.L., 2008, p. 113).

### 3 ACERVOS UNIVERSITÁRIOS DE ARTE E O ACERVO ARTÍSTICO DA UFMG

Verificamos uma diferenciação na formação dos acervos de arte em relação aos acervos técnicos e científicos:

Ao lado desses acervos que resultam e testemunham as atividades de pesquisa e ensino, existem aqueles que chegam à universidade como parte de uma política simbólica. São acervos artísticos ou que documentam a atividade de intelectuais, artistas e pesquisadores e que, por gozarem de valor já consagrado pela sociedade, conferem prestígio à Universidade. Em geral, são incorporados independentemente de um projeto científico específico, ainda que venham a se tornar objetos de futuras pesquisas e estudos. Embora esses acervos, ou pelo menos grande parte deles, se prestem a dar projeção a bibliotecas e museus universitários, por vezes enveredam também por caminhos da invisibilidade, como é o caso de coleções de arte que se desmembram, dispersando-se por várias unidades acadêmicas (JULIÃO, 2015, p. 16).

A maioria dos museus universitários voltados à formação de coleções de arte foi criada antes da formalização de cursos em artes, ou seja, desvinculados dos princípios de formação que gerenciam o ensino universitário desde os primórdios do século XIX. No entanto, conforme aponta Almeida (2001), há exceções que podem ser mapeadas quando observamos espaços específicos nos quais as universidades formaram coleções para o ensino, a pesquisa e a extensão. Nesses contextos, as coleções de arte podem ser utilizadas para ensino no campo das artes visuais, história da arte, conservação e Museologia.

Uma grande diferença entre acervos e museus universitários de arte e seus pares não inseridos na universidade, é que estes, de fato, apresentam algumas características de uma instituição acadêmica: falta de autonomia para definir sua política e obter recursos financeiros; chefia exercida por pessoas sem formação na área museológica; pressão dos departamentos para uso do espaço, das coleções e também de verbas. Essas características,

---

todo si se conserva este núcleo documental, a través del cual podemos conocer su historial, reconstruirla (incluso para la función comunicativa, para la exposición) o encontrarla, redescubrirla. Es en el expediente donde se conserva la memoria del objeto, su contexto" [...] (CABALLERO ZOREDA, 1983, p. 4).

aliadas às questões políticas e administrativas, causam problemas como violação de ética profissional, recepção de doações por motivos políticos; uso de obras de arte para decorar salas de trabalho que não apresentam condições de segurança; interferência de professores para realização de exposições, pesquisas e aquisições que são de seu próprio interesse; tentativa do departamento de artes em controlar o museu etc. (CHRISTISON, 1980).

As relações de ensino e da ciência na estrutura do conhecimento sempre estiveram associadas ao status e ao prestígio que elas conferiam a determinados segmentos da sociedade. Se os princípios ontológicos que fundamentaram as universidades foram estruturados a partir da tensão entre a tradição e a inovação, as coleções geradas por meio do princípio acadêmico nem sempre revelam essas relações, sendo testemunho, porém, da instrumentalização do conhecimento gerenciado tanto pela manutenção da tradição quanto por avanços do conhecimento. Nesse contexto, podemos observar que no início do século XIX as coleções de arte, bem como a disciplina correlata de história da arte, observadas anteriormente a partir de princípios meramente decorativos, paulatinamente são reorganizadas para cumprir o papel de ensino e pesquisa. Ainda que as coleções de arte sejam uma antiga tradição universitária, o museu universitário formado por coleções artísticas pode ser considerado um fenômeno relativamente recente, tanto nas universidades europeias quanto nas brasileiras.

Em seus 93 anos de existência, a Universidade Federal de Minas Gerais reuniu, ao lado de suas coleções científicas, um importante e numeroso patrimônio artístico, com aproximadamente 1.700 obras – objetos, pinturas, gravuras, esculturas, fotografias, entre outros – criações que datam do século XVI ao século XXI, hoje espalhadas pelas unidades acadêmicas da universidade ou sob a guarda direta da Diretoria de Ação Cultural da UFMG (DAC), armazenadas em reserva técnica<sup>5</sup>.

Tendo em vista o extenso intervalo de tempo desde sua formação, cabe ressaltar o caráter de sua constituição eclética, formada a partir de distintas intencionalidades, valores e princípios, essencialmente a partir de projetos individuais, programas descontínuos, propostas esporádicas e, até mesmo, de ações circunstanciais não planejadas. Desse extenso

---

<sup>5</sup> São ao todo trinta e quatro unidades da UFMG localizadas no Campus Pampulha, Campus Saúde e unidades do centro de Belo Horizonte, como também em outras cidades como Tiradentes e Diamantina, nas diversas unidades, departamentos, salas, jardins e espaços da Universidade.

conjunto, muitas obras avulsas foram incorporadas ao patrimônio da UFMG, por diversos meios como doações, projetos e premiações em salões.

Dos retratos de diretor de unidades e reitores, comuns a qualquer instituição universitária, às coleções doadas por pesquisadores e artistas, oriundos ou não dos quadros da universidade, o acervo de arte da UFMG é obra de um processo de colecionismo assistemático.

Segundo Froner (2015), “o ato de colecionar condena e torna evidente o deslocamento do objeto no tempo, determinando seu passado, no mesmo momento em que distancia o objeto do espaço social, e de sua função” (FRONER, 2015, p. 167). Esse deslocamento do objeto no tempo, geralmente orientado por determinadas relações de ligação entre esses objetos sob o crivo da coleção ou da série, não se estabelece no Acervo Artístico da UFMG, rompendo noções calcadas em uma narrativa única. É justamente na inexistência de uma identidade única, singular e própria que podemos encontrar seu valor identitário múltiplo, testemunho das mudanças de gosto, da atuação individual de agentes culturais e artísticos da UFMG e das oscilações políticas na direção da universidade.

Se parece que o acervo é constituído sem um propósito claro, tanto do ponto de vista de seu recorte artístico quanto de sua destinação, o desafio de encontrar uma organicidade desse acervo a partir da sua própria história constitutiva torna-se estratégia fundamental.

Como vimos com frequência, as universidades foram consideradas guardiãs por excelência de acervos já formados e mesmo de museus já constituídos, reforçando sua vocação e seu papel social para a recepção de coleções, quer por doações, que por políticas de aquisição. Identificada como um centro produtor de conhecimento a partir de um quadro de pesquisadores qualificados e de recursos financeiros direcionados à pesquisa, a universidade seria por excelência o espaço ideal para a manutenção de bens culturais, artísticos e científicos. É, naturalmente, dessa identidade e ajuizamento social que a UFMG constituiu boa parte de seu acervo artístico.

Observando uma prática social comum, os primeiros museus universitários foram formados a partir da doação de coleções particulares às universidades. A atitude do colecionador e/ou de seus herdeiros de repassar a gestão de uma coleção para um centro universitário pressupunha, naturalmente, a competência da instituição para a pesquisa, a extroversão e a consequente salvaguarda e uso do acervo.

Contudo, esta prática determina muitas vezes a assimetria na formação das coleções das universidades, pois, na maioria dos casos, a seleção de obras feita por colecionadores é pautada pelo seu gosto pessoal, pelo mercado e até mesmo por aquisições aleatórias, resultando na aquisição de obras de diferentes artistas, distintas épocas e várias procedências. Teixeira Coelho discute, por exemplo, essa problemática ao falar sobre a formação do acervo Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC/USP):

Ter uma obra de cada é típico de colecionadores privados e não de um Museu; ter uma obra de cada é típico do pensamento enviesado que norteia o colecionismo e que faz do colecionismo muito mais um fenômeno de psicologia individual (e de psicologia individual problemática, para dizê-lo claramente) que de estética ou história da arte (TEIXEIRA COELHO, 1999, p. 29).

Essa realidade não é exclusiva do contexto brasileiro, principalmente porque na segunda metade do século XX, a universidade passa a ser concebida como a guardiã mais adequada para receber essas coleções já formadas. Nos Estados Unidos, grande parte das coleções dos museus universitários resultam de doações e heranças de ex-alunos, ex-professores e/ou patronos das universidades.

Se por um lado a universidade busca, ao adquirir essas coleções, o fortalecimento de sua imagem diante da sociedade, por outro lado, os doadores desses acervos também buscam visibilidade e reconhecimento público, muitas vezes valorizando não apenas sua imagem pessoal, mas das empresas que representam.

No entanto, como observa Ribeiro (2013), o processo de recepção de acervos em contextos universitários pode acarretar diversas dificuldades, tanto na gestão quanto na consolidação de espaços apropriados, caso não tenha sido feito um planejamento inicial. A ausência de recursos financeiros e humanos, de espaço físico adequado, de efetiva gestão de informação, de um corpo de pesquisadores das áreas abrangidas pelas coleções, de políticas de gestão, de cursos relacionados com as coleções e até mesmo de um espaço efetivo, como é o caso da ausência de um museu artístico na UFMG e de uma reserva técnica adequada, conduzem à inoperância da pesquisa e da acessibilidade e, portanto, ao não cumprimento do objetivo primordial dessas doações que é a visibilidade e a salvaguarda do acervo doado.

No bojo desta reflexão que discute o caráter assistemático do Acervo Artístico da UFMG, duas coleções, a Coleção Brasileira e a Coleção Amigas da Cultura, encaminhadas à

universidade nas décadas de 1960 e 1970, guardam princípios de identidade relevantes e coesos, bem como a indicação de encaminhamento a partir de propósitos específicos, delineados por seus respectivos doadores – a primeira doada pelo jornalista e fundador do Diários e Emissoras Associados, Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Mello (1892-1968), em 1966, e a segunda doada em 1970 pela Sociedade Amigas da Cultura.

As duas iniciativas conduzidas por Chateaubriand e pela Sociedade Amigas da Cultura tinham por intenção apoiar a criação de um museu ou estrutura similar no contexto do espaço cultural e artístico da UFMG. Fato que nunca ocorreu. No entanto, não há como negar a importância do AAUFMG e a constituição de um referencial de acervos de arte na UFMG.

A despeito dessas ações mais sistemáticas de gestão de coleções artísticas da UFMG, entre os anos de 1960 e 1970, esse acervo seguiu uma espécie de trajetória errática dentro da Universidade. O museu para o qual a doação das Amigas da Cultura visava instalar nunca foi criado; o espaço da reitoria dedicado à exibição da coleção Brasileira também não se manteve. A constatação de Araújo (2012), referindo-se à situação da Coleção Brasileira, de lacunas de documentação que comprometem compreender a história dessas obras na Universidade, além de dissociação de conjuntos, pode ser estendida às demais coleções, senão a todo o acervo artístico da UFMG (JULIÃO; PANISSET, 2017, p.1895).

Entre os anos de 2009 e 2010, a UFMG desenvolveu o Projeto “Memória, Acervo e Arte”<sup>6</sup>, a partir da coordenação do Pró-Reitor de Extensão da UFMG João Antônio de Paula, da professora aposentada da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH) Marília Andrés Ribeiro e pelo então diretor do Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG, Fabrício Fernandino. O projeto realizou um extenso levantamento do Acervo Artístico da UFMG, com participação da conservadora Moema Nascimento Queiroz (EBA). O trabalho resultou na publicação de um livro e na realização de exposições no campus.

O inventário realizado entre 2009 e 2011 teve o mérito de selar a ideia de um acervo artístico da Universidade. Além das coleções doadas à UFMG, a exemplo das já mencionadas, o projeto mapeou obras de arte que integram outras coleções e tipologias de acervo, a exemplo do Curt Lange, Escritores Mineiros, coleção de cerâmica do Vale do Jequitinhonha do Museu de História Natural e Jardim Botânico, esculturas ao ar livre, painéis dos prédios, retratos de personalidades, obras que estão expostas em gabinetes e salas das escolas, institutos e faculdades (JULIÃO; PANISSET, 2017, p. 1896).

---

<sup>6</sup> PAULA, João Antônio de. (Coord.). Acervo artístico da UFMG. Belo Horizonte: C/Arte, 2011. (Circuito Colecionador).

O que se considera hoje como Acervo Artístico da UFMG, ao que parece, foi conformado a partir de um formato de documentação, cunhado pelo inventário realizado no projeto “Memória, Acervo e Arte”. Até o momento do projeto (2009-2011), a UFMG possuía somente distintas coleções de arte e obras avulsas que decoravam o campus, o mapeamento “descobriu” outras coleções e selou a ideia de um acervo de arte na universidade. Vale destacar que o inventário anterior é de extrema importância para o AAUFMG, uma vez que realizou um extenso levantamento do acervo, gerando informações quantitativas e qualitativas a respeito.

A compreensão dos antecedentes formadores e do contexto atualizado desse acervo é fundamental para políticas de gestão a curto, médio e longo prazo, bem como para a consolidação de um espaço específico e de uma política contínua de salvaguarda baseada em protocolos indiciais coerentes, ainda que adaptáveis ao longo do tempo, uma vez que as ferramentas tecnológicas e os modelos de conhecimento não são estáticos.

É importante enfatizar que Acervo Artístico da UFMG, pelos motivos expostos acima, entre outros, apresenta um papel potencial para o desenvolvimento de projetos de ensino e pesquisa nos âmbitos de diversos cursos existentes atualmente na UFMG, que carecem de um campo de estudo para corroborar suas pesquisas e práticas. É necessário, portanto, que sejam criadas condições para que esse acervo se torne um laboratório capaz de contribuir com as várias disciplinas, para a inovação e a excelência de projetos acadêmicos desenvolvidos em diferentes campos do conhecimento, tanto do ponto de vista das obras em si quanto da formação e da preservação de suas coleções.

#### **4 PROTOCOLOS PARA DOCUMENTAÇÃO E GESTÃO DO ACERVO ARTÍSTICO DA UFMG**

Como um desdobramento do mapeamento inicial do acervo realizado entre 2009-2011, a Coordenação do AAUFMG estabeleceu como uma de suas ações prioritárias a realização do inventário e posterior catalogação de todas as obras, simultâneo à implantação de um sistema de informação capaz de instrumentalizar e potencializar a gestão e o monitoramento desse extenso patrimônio que se encontra disperso nas diversas unidades da UFMG. O projeto de documentação se impôs, portanto, como primeiro passo para se conhecer o acervo. Seus resultados, ainda que parciais, vão respaldar, com suas informações seguras, as demais ações de salvaguarda e comunicação, fornecendo subsídios, inclusive, para a formulação de uma política de gestão do AAUFMG.

O atual projeto de documentação, pautado pelos protocolos internacionais, e melhores práticas nos campos da Museologia e da Preservação, figurou como o primeiro passo para se (re)conhecer o acervo. Desde o último levantamento do AAUFMG já se passaram sete anos e, tendo em vista que o processo de inventariação deve ser realizado de maneira sistemática e continuada, desenvolvido segundo metodologia instituída e contando com uma periodicidade para revisão de informações e armazenamento de dados, é fundamental que este processo seja realizado neste momento.

A maioria das obras pertencentes à UFMG goza de reconhecimento da crítica, não ocorrendo hesitação quanto ao seu estatuto de arte. Entretanto, mesmo nos casos em que o reconhecimento artístico está selado, os procedimentos que incluem “inventário/catalogação, conservação, manejo administrativo, curadoria de exposição etc., ultrapassam a esfera da crítica e da teorização para (re)validar o estatuto artístico das obras, diante da comunidade universitária ou fora dela” (JULIÃO; PANISSET, 2017, p. 1899).

A investigação foi, em grande parte, desenvolvida a partir da conjugação entre a base teórica de referência da área e sua validação empírica aplicada nas atividades realizadas no cotidiano de trabalho do projeto, buscando contribuir, ampliar e enriquecer a discussão sobre a organização de informações acerca do patrimônio artístico-cultural da UFMG.

Neste sentido, buscou-se modelos conceituais passíveis de serem aplicados a um sistema de informação informatizado que possibilite alcançar a proposta integradora do AAUFMG com o objetivo de transformar tecnologicamente o acervo e sua documentação em uma estrutura integrada de gestão de informação.

As reflexões que orientaram esta pesquisa foram determinadas pelo desafio de gerar um modelo de sistema de informação que viabilize de fato a produção de informação, de maneira que pesquisadores, estudantes, curadores, gestores, inventariantes e cidadãos o entendam; contemplem e reúnam signos e significados deste patrimônio; que fomente a criação de uma política de preservação do acervo, bem como subsídios para as atividades de ensino, pesquisa e extensão. Assim, desde o início, procuramos avaliar sistemas que fornecessem uma base sólida para a organização e a recuperação documental, para que este acervo pudesse ser realmente utilizado em sua plenitude e potência.

Concebido em várias etapas, o projeto teve início com o diagnóstico da documentação existente do acervo. A esta etapa de diagnóstico seguiu-se com a elaboração de protocolos de estrutura de dados, conteúdo, valor e procedimentos – que se amparam nas normativas

internacionais citadas. Fizeram parte das etapas iniciais também o planejamento e formulação da metodologia do inventário de campo. Buscamos explorar as necessidades de informação sobre o AAUFMG e as demandas que trazem para a construção dos padrões de dados e, além disso, estabelecer um conjunto proposto de padrões mínimos para o gerenciamento de inventário do acervo.

Além dos problemas característicos encontrados na documentação de arte, ressaltamos que o caso do AAUFMG, por ser composto de forma assistemática, acarreta problemas ainda maiores de documentação. Nesse sentido, cabe destacar a dupla especificidade do acervo - além de ser um acervo universitário, é também um acervo de arte-, cujas informações extrínsecas são fundamentais para sua documentação e entendimento. Outro fator de complicação é o fato deste acervo estar disperso em diversas unidades acadêmicas. Sendo assim, foi necessário implantarmos um sistema de informação capaz de instrumentalizar e potencializar a gestão e o monitoramento desse extenso patrimônio.

Sabendo que o Acervo Artístico da UFMG está sob tutela da administração pública, é importante considerarmos a Lei nº 12.527 de 18 de novembro de 2011 (BRASIL, 2011), que regulamenta o direito constitucional de acesso dos cidadãos às informações públicas dos órgãos que integram os Três Poderes da União, Estados, Distrito Federal e Municípios. A documentação e disponibilização deste acervo é, portanto, um dever público da Universidade. Assim, podemos pensar também em relação aos demais acervos e museus universitários pertencentes à esfera pública.

Os protocolos desenvolvidos no âmbito da tese (PANISSET, 2017) resultam tanto de uma reflexão conceitual acerca dos modelos contemporâneos de Sistemas de Informação quanto de sua inserção no campo da Documentação em Museus, da Conservação Preventiva e da Preservação do Patrimônio Cultural, além de objetivarem a constituição prática de modelos aplicáveis no AAUFMG.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Conforme apontamos, o objeto documentado como herança cultural está vinculado à ideia de salvaguarda da identidade cultural. No caso de objetos pertencentes à Universidade, o melhor caminho para assegurar sua preservação é certificá-lo como patrimônio artístico cultural, “estudando-o como fruto da relação do homem com o meio e incentivando os cidadãos a valorizarem o patrimônio como uma parcela de sua herança cultural” (ALVES,

2012, p. 25). A partir dessas ponderações, torna-se evidente a importância da Universidade em assumir um compromisso de salvaguardar o patrimônio artístico cultural mantido sob sua tutela.

Portanto, ponderamos que é preciso estabelecer uma política institucional na Universidade analisando as necessidades da documentação, preservação e gestão de seu patrimônio cultural e científico. Os gastos com infraestrutura, como o uso de sistemas e sua manutenção, e a contratação de equipe qualificada devem estar previstos no orçamento das universidades. No entanto, antes de tudo buscamos fomentar, entre as diversas hierarquias da instituição, uma conscientização sobre a relevância dos processos documentais tanto para o controle e a gestão do patrimônio quanto acerca da preservação da história de seus acervos (SILVA, 2015).

A equipe do AAUFMG, após a etapa inicial de conhecimento do acervo, deverá concentrar a sua atenção em definir uma política de coleções abrangente, pública, suportada pela missão do acervo, que determine claramente a sua atuação em relação ao desenvolvimento, conservação, documentação e acessibilidade da coleção. Um instrumento que deverá servir como guia de longo prazo para o AAUFMG, para os seus profissionais e para o seu público (JULIÃO, PANISSET, 2017).

Entendemos que o AAUFMG, como um bem público necessita, além de conservação, estar disponível como fonte de pesquisa, documentação e como espaço de educação e formação, objetivando cumprir sua função social e gerando subsídios para o ensino, a pesquisa e a extensão.

As questões relacionadas com a própria comunidade acadêmica são pontos relevantes. É essencial criar estratégias para a educação e sensibilização dos cuidados que devem ser tidos para a conservação deste patrimônio importante da Universidade. Apenas com a participação deste conjunto de pessoas conseguiremos salvaguardar as nossas coleções, para a partilha com a comunidade.

Os protocolos propostos no âmbito da tese (PANISSET, 2017) objetivam a implementação de um sistema de informação do Acervo Artístico da UFMG desenvolvido para auxiliar as informações sobre o patrimônio universitário. Como parte de um sistema, as informações geradas têm como objetivo responder às necessidades de gestão integrada que se pretende alcançar no AAUFMG, e que tem sido estendido para todo o patrimônio cultural e científico da UFMG.

Nesse sentido, o sistema de informação contribui com a elaboração de uma herança cultural ao reunir e organizar registros, transformando em informações que servem de referência para identificar e agregar valor. “A partir do valor atribuído, ações educativas e de difusão completam o vínculo com a comunidade, pois na medida em que esta se reconhece no patrimônio, ela passa a preservá-lo” (ALVES, 2012, p. 101).

É importante ressaltar que a disponibilização do acervo na web fornece visibilidade, acesso e segurança ao acervo. A publicação das coleções também auxilia na pesquisa, uma vez que as bases de dados informatizadas desempenham importante papel no registro e na difusão de informações, particularmente quando disponíveis on-line (SILVA, 2015).

Nesta perspectiva, a UFMG deve adaptar-se às novas tecnologias de informação e comunicação, flexibilizando-se como instituição, identificando novas formas de preservar e conferir acesso às suas coleções, reformulando os seus processos e sistemas de gestão, de forma a abranger este “novo meio” como parte integrante da gestão de acervos, e integrando-se, por sua vez, na dinâmica cotidiana da Universidade.

De acordo com Almeida (2001):

A organização e disponibilização de acervos nas universidades, abertos não só à comunidade acadêmica como também à sociedade em geral, contribui para preservação do patrimônio histórico-cultural e extrapola a tríade ensino, pesquisa e extensão das universidades públicas promovendo transformações sociais e culturais.

O valor agregado ao patrimônio inventariado deve ser mensurado por meio dos desdobramentos em ações educativas e de difusão criando um círculo virtuoso entre a comunidade e o patrimônio universitário.

Nossa pesquisa não pretende de maneira nenhuma esgotar o tema, mas objetivamos estabelecer subsídios para a discussão da necessidade da documentação para conhecimento e visibilidade dos acervos universitários, no caso, principalmente dos acervos de arte. O reconhecimento deste importante patrimônio traz à tona a necessidade de estabelecimento de políticas de gestão no âmbito universitário e de um compromisso efetivo dos órgãos de direção na preservação destes acervos. A intenção é de refletir e acrescentar propostas e aspectos que possam estar na pauta das discussões da Universidade, aprimorando a organização, o controle e a gestão de seus acervos, ampliando a difusão de informações sobre objetos artísticos e criando políticas públicas que viabilizem o acesso e a preservação do patrimônio público.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Adriana Mortara. **Museus e coleções universitários**: por que museus de arte na Universidade de São Paulo? 2001. Tese (Doutorado em Ciências da Informação e Documentação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
- ALVES, Juliana Rodrigues. **Patrimônio**: gestão e sistema de informação. 2012. Dissertação (Mestrado em Estética e História da Arte) - Programa Interunidades em Estética e História da Arte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- BRASIL. **Lei n. 12.527, de 18 de novembro de 2011**. Regula o acesso a informações previsto no inciso XXXIII do art. 5º, no inciso II do § 3º do art. 37 e no § 2º do art. 216 da Constituição Federal; altera a Lei no 8.112, de 11 de dezembro de 1990; revoga a Lei no 11.111, de 5 de maio de 2005, e dispositivos da Lei no 8.159, de 8 de janeiro de 1991; e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Casa Civil, Brasília, DF, 18 nov. 2011.
- CABALLERO ZOREDA, Luis. A propósito del "sistema de documentación para museos". **Boletín de la ANABAD**, Tomo 33, Nº 3, 1983, p. 493-500. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=964749>. Acesso em: 20 jul. 2016.
- CHRISTISON, Muriel B. Professional Practices in University Art Museums. **Museum News**, Washington, p. 30-40, Jan./Fev. 1980.
- FRONER, Yacy-Ara. **Os domínios da memória**: um estudo sobre a construção do pensamento preservacionista nos campi da Museologia, Arqueologia e Ciência da Conservação. 2001. 513 f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
- FRONER, Yacy-Ara. Coleção e arquivo como prática coletiva: a narrativa, a retórica e o semiológico. **Revista Pós**, Belo Horizonte, v. 5, n. 9, p. 165-177, maio 2015.
- JULIÃO, Letícia *et al.* **Acervo Artístico da UFMG**: política de preservação no âmbito universitário. Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação, UFMG, 2015. Projeto de extensão PROEX/UFMG.
- JULIÃO, Letícia.; PANISSET, Ana. Acervo Artístico da UFMG: o papel da Museologia na gestão do patrimônio universitário. In: SEMINÁRIO BRASILEIRO DE MUSEOLOGIA - SEBRAMUS, 3., 2017, Belém. **Anais eletrônicos...** Belém, Faculdade de Artes Visuais, 2017. p. 1893-1911.
- LOUREIRO, Maria Lucia Niemeyer Matheus. A documentação museológica entre a arte e a ciência. In: GRANATO, Marcus; SANTOS, Claudia Penha dos; LOUREIRO, Maria Lúcia Niemeyer Matheus (Orgs.). **Documentação em Museus**. Rio de Janeiro: MAST, p. 24-32, 2008. (MAST Colloquia, 10).
- MENSCH, Peter Van. Society, Object, Museology. In: **Collecting today for tomorrow**. ICOFOM, Leiden: 1983. p. 21-32 ICOFOM Study Series 6.
- PANISSET, Ana Martins. **A documentação como ferramenta de preservação**: protocolos para documentação e gestão do Acervo Artístico da UFMG. Belo Horizonte: UFMG, 2017. TESE



(Doutorado em Artes) - Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

RIBEIRO, Emanuela Sousa. Museus em universidades pública: entre o campo científico, o ensino, a pesquisa e a extensão. **Museologia & Interdisciplinaridade**, Brasília, v. 2, n. 4, 2013.

SILVA, Camila Aparecida da. **Avaliação dos processos de catalogação em museus de arte: o Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo**. 2015. Dissertação (Mestrado em Museologia) - Programa Interunidades em Museologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

TEIXEIRA COELHO, J. Para um Museu Contemporâneo de Arte. **Anais II Semana de Museus da USP**, São Paulo, USP, 1999. p. 27-30.